



Tensões e contradições no monumento da rotatória: análise crítica da centralidade regional de Itaperuna, RJ

Tensions and contradictions in the traffic circle monument: critical analysis of the regional centrality of Itaperuna, RJ

Tensiones y contradicciones en el monumento de la rotonda: análisis crítico de la centralidad regional de Itaperuna, RJ

 Rogério Ribeiro Fernandes E-mail: rribeiro@iff.edu.br

 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense [IFF] Campus Bom Jesus do Itabapoana, RJ, Brasil

 Felipe da Silva Machado E-mail: felipe.machado@iff.edu.br

 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense [IFF] Campus Itaperuna, RJ, Brasil

 Wallace da Silva Mello E-mail: wallace_sm89@hotmail.com

 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense [IFF] Campus Quissamã, RJ, Brasil



Resumo: O artigo propõe uma análise da centralidade do município de Itaperuna na Região Noroeste Fluminense, tomando como ponto de referência o monumento instalado na rotatória de acesso à cidade, denominado Praça dos Poderes. O texto evidencia tensões e contradições tanto da representação da centralidade expressa no monumento quanto em sua fundamentação discursiva, ancorada em memorialistas da região. A noção de centralidade, que acompanha a trajetória de Itaperuna há mais de um século, é remetida ao processo de formação e consolidação do município, ainda no final do século XIX. Ao mesmo tempo, é relacionada à contemporaneidade do monumento da rotatória por meio da análise de indicadores econômicos, demográficos e urbanísticos atualizados.

Palavras-chave: Itaperuna; história local; Noroeste Fluminense; centralidade; monumento.

Abstract: The article proposes an analysis of the centrality of the municipality of Itaperuna in the Northwest Region of Rio de Janeiro State, taking as a reference point the monument installed at the roundabout leading into the city, called Praça dos Poderes. The text highlights tensions and contradictions both in the representation of centrality expressed in the monument and in its discursive foundation, anchored in memorialists from the region. The notion of centrality, which has accompanied Itaperuna's trajectory for over a century, refers to the process of formation and consolidation of the municipality at the end of the 19th century. At the same time, it is related to the contemporaneity of the monument at the roundabout, through the analysis of updated economic, demographic, and urban indicators.

Keywords: Itaperuna; local history; Northwest Region of Rio de Janeiro State; centrality; monument.

Resumen: El artículo propone un análisis de la centralidad del municipio de Itaperuna en la región noroeste de Rio de Janeiro, tomando como punto de referencia el monumento instalado en la rotonda de acceso a la ciudad, denominado Praça dos Poderes. El texto pone de manifiesto las tensiones y contradicciones tanto de la representación de la centralidad expresada en el monumento como en su fundamentación discursiva, basada en memorialistas de la región. La noción de centralidad, que acompaña la trayectoria de Itaperuna desde hace más de un siglo, se remonta al proceso de formación y consolidación del municipio, a finales del siglo XIX. Al mismo tiempo, se relaciona con la contemporaneidad del monumento de la rotonda, mediante el análisis de indicadores económicos, demográficos y urbanísticos actualizados.

Palabras clave: Itaperuna; historia local; región noroeste del estado de Rio de Janeiro; centralidad; monumento.

Introdução

Em 2024, foi construído e inaugurado um monumento na rotatória situada na entrada do perímetro urbano de Itaperuna/RJ. O local é atravessado pela rodovia BR-356, no sentido Norte, responsável por conectar o município à maioria das cidades da Região Noroeste Fluminense e à Zona da Mata de Minas Gerais.

Por estar instalado justamente em uma rotatória e à margem de uma rodovia federal, o monumento parece ter sido estrategicamente posicionado para recepcionar os viajantes que ingressam no núcleo urbano. Itaperuna possui população superior a 100 mil habitantes (IBGE, 2022) e se apresenta como um centro político, econômico e social do Noroeste do estado do Rio de Janeiro. Essa condição de centralidade apoia-se em raízes históricas e culturais que se estendem à Zona da Mata Mineira e ao Sul do estado do Espírito Santo. Do ponto de vista geográfico, o município situa-se em uma espécie de tríplice fronteira entre Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo.

Em razão dessa posição estratégica, Itaperuna recebe diariamente centenas de viajantes oriundos de municípios da região, composta majoritariamente por cidades de pequeno e médio porte, tradicionalmente ligadas à agropecuária ou aos setores de serviços. Essas localidades mantêm entre si relações econômicas, sociais e culturais consolidadas há mais de um século, as quais frequentemente ultrapassam os limites formais das fronteiras estaduais.

O monumento da rotatória apresenta composição relativamente simples (Figura 1). Trata-se de um conjunto de estruturas materiais não figurativas. A única exceção é o coração estilizado que substitui o verbo “amar” entre o pronome *Eu* e o substantivo *Itaperuna*, formando a frase “Eu ❤ Itaperuna”. A expressão é precedida pelo símbolo gráfico amplamente difundido nas redes sociais, conhecido como *hashtag*, materializado no signo “#”.

Figura 1. O monumento em Itaperuna



Fonte: acervo próprio [2025]

A frase foi concebida como uma estrutura em concreto armado, composta por letras de grandes dimensões, posicionadas estrategicamente na entrada da rotatória e da cidade, de modo a garantir fácil visualização por parte dos viajantes. Essa configuração pode ser entendida como a “face” do monumento.

O complexo, contudo, inclui também o que se pode chamar de “contraface”: um conjunto adicional de elementos materiais igualmente situado no interior da rotatória, cuja visualização não é tão imediata para quem transita pela rodovia. Diferentemente da face principal, a contraface encontra-se parcialmente resguardada, sendo mais perceptível a pedestres que eventualmente circulem pelo local.

A rotatória conecta avenidas do bairro Cidade Nova e situa-se em frente a um pequeno *shopping center*, a um centro universitário, a um hipermercado e a duas concessionárias de veículos. Aos sábados, o espaço torna-se ponto de passagem para frequentadores de uma tradicional feira de rua, onde são comercializados produtos agropecuários.

Os elementos que compõem a denominada contraface do monumento são os seguintes: 1) Um conjunto de mastros com bandeiras alinhadas em três lados de um retângulo, representando os municípios do Noroeste Fluminense, com exceção de Itaperuna; 2) três mastros posicionados no quarto lado do retângulo, numa posição de destaque, representando o Brasil, o estado do Rio de Janeiro e o município de Itaperuna; 3) duas aleias de ciprestes italianos, alinhados de modo a produzir efeito de solenidade e monumentalidade; 4) um pequeno canteiro ajardinado, composto por gramado e bromélias; e 5) uma placa comemorativa contendo inscrição oficial, apresentada no texto original com capitulares e negrito, acompanhada dos nomes do prefeito de Itaperuna, do presidente da Câmara Municipal e dos secretários municipais de Turismo, de Obras e Desenvolvimento Urbano e de Planejamento (Figura 2)¹.

Figura 2. O texto na Praça dos Poderes



Fonte: acervo próprio (2025)

¹ Apresenta-se, a seguir, a transcrição do texto inscrito na placa comemorativa: - Construção e revitalização da Rotatória - Um símbolo de força e liderança da cidade de **ITAPERUNA** diante da região **Noroeste Fluminense**. A cidade que abraça todas as demais cidades irmãs com amor e faz pulsar a economia, o turismo, a educação, a saúde, a cultura, a indústria, o comércio e todo seu povo acolhedor, criativo e corajoso. **#EUAMOITAPERUNA** [...] Agradecimento especial ao **GRUPO BUKOVSKI** pela **Parceria Público Privada** que conjuntamente com a **Prefeitura Municipal** colaborou na entrega deste grande patrimônio de orgulho da cidade. [...] Obra realizada através de TAC (Termo de Ajuste de Conduta) instituído através de processo administrativo 9006/2023 feito pela PPP [Parceria Público-Privada] totalmente sem ônus para a Prefeitura de Itaperuna.

Considerado em sua totalidade, o monumento configura-se como um complexo dotado de face e contraface. A primeira é visível aos viajantes que transitam pela rotatória; a segunda, ao contrário, encontra-se parcialmente resguardada, sendo perceptível sobretudo ao pedestre que, deliberadamente, decide observar o espaço, ler a placa comemorativa e relacionar o texto aos demais elementos materiais que compõem o conjunto.

É precisamente nesse exercício de atenção aos detalhes, tanto ao conteúdo da inscrição quanto à disposição espacial dos elementos, que se torna possível dizer quais os significados prováveis do monumento e indagar se ele cumpre, ou não, uma função social específica.

O significado da face do monumento — semelhante, aliás, a outros marcos instalados nos portais de entrada de diversas cidades brasileiras, inclusive da região onde se localiza Itaperuna — parece remeter à ideia de acolhimento ao visitante. Trata-se quase de um convite para que o recém-chegado se declare apaixonado pela cidade, à maneira do *Eu* indeterminado que precede a frase “# Eu  Itaperuna”.

Já a contraface, especialmente quando se observa a disposição espacial das bandeiras — que alinham os municípios do Noroeste Fluminense em torno das bandeiras do Brasil, do estado do Rio e do próprio município de Itaperuna —, parece significar uma posição de centralidade regional. A geometria adotada não parece nada casual: ao circundarem o conjunto central, as demais bandeiras simbolicamente organizam-se em torno de Itaperuna, reforçando uma hierarquia implícita.

Quando essa organização espacial é articulada ao texto da placa comemorativa — em especial ao trecho que define o monumento como “símbolo de força e liderança da cidade de ITAPERUNA diante da região Noroeste Fluminense” —, a centralidade reivindicada torna-se explícita. Por sua vez, outro excerto da inscrição estabelece relação direta com a ideia de acolhimento expressa na face do monumento: “a cidade que abraça todas as demais cidades irmãs com amor e faz pulsar [...]”.

Nesse enunciado, Itaperuna é apresentada como a cidade que abraça; as “cidades irmãs” correspondem aos demais municípios da região. O abraço, figurado como gesto de amor, articula-se simbolicamente ao coração estilizado da face do monumento. Contudo, o que “faz pulsar”, não é apenas o signo afetivo do coração, mas também os setores econômicos que se destacam no município e que, em última instância, fundamentam a centralidade regional atribuída a Itaperuna pela própria narrativa monumental.

A afetividade expressa na face do monumento e a centralidade afirmada em sua contraface devem ser compreendidas como os dois lados de uma mesma moeda. A metáfora não é fortuita: o próprio monumento encontra-se instalado em uma rotatória cuja forma circular remete, simbolicamente, à geometria da moeda.

Face e contraface — ou, metaforicamente, cara e coroa — não se opõem; antes, completam-se. Seus significados específicos precisam ser interpretados de maneira articulada, na integralidade do conjunto monumental. Nesse sentido, a placa comemorativa parece desempenhar papel fundamental, ao condensar, em um único texto, dois sentidos que podem aparecer dissociados ao olhar apressado do viajante.

Tanto na imagem do coração que acolhe o visitante e o da cidade que quer se mostrar como centro regional, Itaperuna mobiliza elementos de sua própria história local e de sua posição geográfica no estado do Rio de Janeiro e em uma região de fronteira interestadual. A narrativa monumental recorre a variáveis que teriam definido — ou ainda definiriam — o município, evocando um passado por vezes idealizado e articulando-o ao presente.

Ao lado da referência ao “povo acolhedor, criativo e corajoso”, enumeram-se atributos que simbolicamente “pulsam” no coração estilizado do monumento. Entre eles, destaca-se uma economia que, em determinados momentos históricos, projetou Itaperuna como grande produtora de café e como maior expressiva bacia leiteira no contexto estadual.

Menciona-se também o turismo, associado às estações de águas minerais do distrito de Raposo, bem como ao fluxo pendular de milhares de pessoas que buscam na cidade serviços educacionais e de saúde. A cultura, por sua vez, aparece tensionada por discursos locais que, de maneira preconceituosa, insistem em negar sua existência ou relevância.

A indústria, outrora significativa, é evocada, sobretudo, como memória, esmaecida pela demolição de antigos parques industriais. O comércio, ainda relevante, convive com sinais de enfraquecimento, perceptíveis na decadência progressiva da área central, com fechamento de lojas tradicionais e na migração crescente de consumidores para plataformas virtuais.

Assim, o monumento não apenas celebra atributos econômicos e simbólicos, mas também cristaliza tensões entre passado e presente, projeção e realidade, afirmação identitária e desafios estruturais.

Pois é essa Itaperuna, marcada por contradições e por idealizações que frequentemente se confrontam com a realidade, que parece se materializar no monumento da rotatória. O próprio monumento, por sua vez, também se encontra atravessado por tensões internas e por concepções que, embora concebidas para produzir determinados efeitos simbólicos, nem sempre alcançam plenamente seus objetivos.

Antes de aprofundar a análise acerca da centralidade acolhedora atribuída ao município, cumpre observar que o monumento constitui, ele próprio, uma espécie de ode à transitoriedade das realidades que busca representar. Assim como a cidade que anuncia, o monumento está situado em uma rotatória, no limiar de uma tríplice fronteira interestadual.

Procedimentos metodológicos

Dois procedimentos metodológicos orientam a elaboração deste artigo. O primeiro consiste em uma revisão bibliográfica direcionada a autores que abordam a questão da centralidade de Itaperuna, com especial atenção aos memorialistas que contribuíram para a construção de uma espécie de história oficial do município. Trata-se de uma tradição interpretativa que, ao longo do tempo, vem sendo reiterada e mobilizada como referência por diferentes públicos, desde aqueles que a reproduzem de maneira acrítica até os que adotam uma postura problematizadora diante de seus pressupostos.

O segundo procedimento corresponde a um exercício de observação direta, mediado por um olhar etnográfico nos moldes propostos por [Oliveira \[2000\]](#). Tal abordagem concentra-se no monumento da rotatória e no modo como ele materializa, no espaço urbano, a narrativa da centralidade de Itaperuna, evidenciando também as tensões e contradições que essa construção simbólica pode suscitar.

No que se refere ao exercício de revisão bibliográfica, a análise será direcionada, em um primeiro momento, às obras de memorialistas como [Henriques \[1956\]](#), [Muylaert Júnior \[2021\]](#) e [Ligiéro \[2022\]](#). O foco recairá sobre trechos que enfatizam o papel de centralidade atribuído ao município de Itaperuna, bem como sobre os argumentos mobilizados por seus autores, todos inseridos na territorialidade da Região Noroeste Fluminense e comprometidos com

a construção de uma narrativa histórica que se aproxima de uma história oficial do município. Tal narrativa abrange não apenas a sede municipal, mas também seus distritos originários — alguns dos quais se tornaram, posteriormente, municípios emancipados.

No caso de Henriques, destaca-se a expressão “Terra da Promissão”, adotada no título de sua obra e utilizada para qualificar Itaperuna. A formulação remete explicitamente ao imaginário providencialista presente na tradição judaico-cristã do Antigo Testamento, conferindo ao município uma dimensão simbólica que extrapola a descrição histórica e assume contornos quase míticos.

Quanto à obra de [Ligiéro \[2022\]](#), sobressai sua preocupação em retomar referências de Henriques, articulando-as a uma argumentação de base política que legitima a escolha da antiga Vila de São José do Avahy como sede do município de Itaperuna. Essa decisão implicou a organização de um território que, ainda no final do século XIX, incluía como distritos os atuais municípios de Laje do Muriaé, Bom Jesus do Itabapoana, Natividade, Porciúncula e Varre-Sai.

O texto de Muylaert Júnior, originalmente publicado em 1910, antecede cronologicamente as demais obras e fornece parte dos subsídios históricos que sustentariam, posteriormente, as argumentações acerca da centralidade de [Ligiéro \[2022\]](#) e [Henriques \[1956\]](#). Contudo, [Muylaert Júnior \[2021\]](#) pode ser compreendido também como um contraponto, especialmente em relação a [Ligiéro \[2022\]](#), porque defendia outra localidade como sede municipal — Natividade do Carangola — em oposição às disputas políticas que envolviam Laje do Muriaé.

Nesse contexto de tensões entre diferentes núcleos de poder local, a antiga Vila de São José do Avahy, atual cidade de Itaperuna, acabou assumindo a condição de sede municipal como resultado de um arranjo político que pode ser interpretado como ponto de equilíbrio entre as forças de Laje e Natividade, dois dos mais antigos povoados dos vales dos rios Muriaé e Carangola.

Ainda no âmbito da revisão bibliográfica, serão retomadas duas obras que não se enquadram propriamente na definição de memorialísticas, mas que vêm sendo utilizadas como fontes primárias para a compreensão da história do Noroeste Fluminense: [Carvalho \[2022\]](#) e as cartas de Alexandre Bréthel reunidas por [Massa \[2016\]](#).

Também foram revisitadas duas outras obras de caráter geo-historiográfico. A primeira, de [Lamego \[2007\]](#), integra uma quadrilogia clássica publicada em meados do século XX. Nela, o autor emprega a expressão “Gigante da Serra” para se referir a Itaperuna, ressaltando o papel da Estrada de Ferro do Carangola na consolidação do dinamismo econômico e da centralidade geopolítica atribuída ao município. A segunda obra é mais recente: trata-se da dissertação de [Pereira Júnior \[2015\]](#), que se dedica especificamente à discussão da centralidade de Itaperuna, com ênfase nas dinâmicas da geopolítica regional. Assim como Lamego, o autor reconhece a importância da Estrada de Ferro do Carangola na configuração histórica da posição estratégica do município.

O exercício de observação direta que integra a composição deste artigo será conduzido a partir de idas periódicas à Praça dos Poderes. Tais incursões contemplam diferentes perspectivas de apreensão do espaço: desde a passagem de veículo motorizado pela rotatória — simulando o olhar de um transeunte ocasional — até duas ou três visitas realizadas a pé, como um caminhante que passa pela mesma rotatória, permitindo uma observação mais detida das partes constitutivas do monumento à centralidade.

Em todas essas ocasiões, o olhar será orientado pela intenção de compreender o monumento em sua completude, considerando tanto o significado explicitado na placa inaugural do monumento quanto as representações difundidas em peças publicitárias da Prefeitura Municipal de Itaperuna, veiculadas nas redes sociais.

Essa tentativa de interpretação apoia-se, em parte, na leitura prévia dos memorialistas que, em períodos anteriores, empenharam-se na construção de uma narrativa voltada à exaltação da centralidade de Itaperuna. Contudo, fundamenta-se também em uma postura analítica atenta aos detalhes materiais e simbólicos do próprio monumento, assumindo um viés crítico que problematiza o sentido aparentemente positivo dessa centralidade regional.

Nesse movimento de relativização, alguns contrapontos são considerados. Entre eles, destacam-se: a recorrência da violência como elemento que, em determinados momentos, marca a história local; a lógica de exclusão subjacente à ideia de “terra da promessa”; o calor frequentemente associado à imagem da cidade; e as sucessivas cheias do rio Muriaé, cujo campo semântico é tradicionalmente vinculado à noção de morte.

A segunda parte do artigo debruça-se sobre as características atuais da centralidade regional de Itaperuna, a partir do entendimento acerca da rede urbana e da posição geográfica. Parte-se do pressuposto de que novas centralidades vêm sendo estruturadas no contexto do estado do Rio de Janeiro, tornando-se fundamental compreender a posição geográfica atual de Itaperuna no conjunto regional do Noroeste Fluminense.

Segundo [Bernardes \[1959\]](#), [Corrêa \[2004\]](#) e [Nascimento \[2004\]](#), posição geográfica corresponde à situação locacional do município em relação aos aspectos externos a ele. É na análise da posição que se compreendem a influência e as funções do espaço urbano, o papel das atividades econômicas e as características dos sistemas produtivos. Dessa forma, o artigo resgata a importância do conceito de posição geográfica à luz da atual configuração da rede urbana e da centralidade regional no contexto do Noroeste do estado do Rio de Janeiro.

A posição geográfica de centralidade regional de Itaperuna tem sido evidenciada por sua condição estratégica como centro urbano, por sua infraestrutura desenvolvida e por sua influência sobre os municípios vizinhos. O argumento para o entendimento da centralidade regional apoia-se na pesquisa Regiões de Influência das Cidades (REGIC), do [IBGE \[2020\]](#).

A REGIC identifica e analisa a rede urbana brasileira, estabelecendo a hierarquia dos centros urbanos e as respectivas regiões de influência. Tal estudo constitui abordagem fundamental para a compreensão da geografia do Brasil, uma vez que estabelece critérios para a qualificação das cidades e das relações entre elas, revelando eixos de integração territorial e padrões diferenciados de distribuição das centralidades urbanas.

Ao oferecer visibilidade às centralidades e à dinâmica dos fluxos que as conectam, a REGIC constitui instrumento relevante para decisões locacionais e aplicações práticas no planejamento público. A pesquisa pode subsidiar, por exemplo, a implantação de unidades administrativas de órgãos públicos, a definição de critérios para o fomento de investimentos, a escolha de locais para instalação de filiais empresariais ou a identificação de centros mais adequados para a oferta de serviços de saúde e educação.

As cidades brasileiras são classificadas hierarquicamente a partir das funções de gestão que exercem sobre outras cidades, considerando seu papel de comando em atividades empresariais e na gestão pública, bem como sua capacidade de atrair fluxos relacionados ao fornecimento de bens e serviços. O alcance territorial desse comando e dessa atratividade corresponde à delimitação de sua área de influência, ou seja, ao conjunto de cidades subordinadas a cada centralidade classificada na pesquisa.

Na segunda seção do artigo, analisa-se a classificação atribuída a Itaperuna pela REGIC ([IBGE, 2020](#)), na qual o município figura como Centro Sub-regional A, categoria que indica influência significativa sobre os municípios vizinhos, especialmente nos setores de saúde, educação e comércio.

O monumento da rotatória, a história local sob o olhar dos memorialistas e algumas contradições

Desde o início da década de 2020, viajantes que chegam ao perímetro urbano de Itaperuna pela rodovia BR-356, no sentido Norte, são obrigados a transitar por uma rotatória que dá acesso ao centro da cidade e possibilita o prosseguimento, no sentido Sul, em direção a Campos dos Goytacazes.

A partir de 2024, ano em que se realizaram eleições municipais em todo o Brasil, esses viajantes passaram a ser recepcionados, nesse mesmo espaço, por uma inscrição em letras de concreto: “# Eu ❤️ Itaperuna”. O recurso gráfico que substitui o verbo “amar” por um coração estilizado, à maneira de um *emoji*, vem se tornando recorrente em pequenas e médias cidades do interior brasileiro, onde monumentos dessa natureza vêm sendo instalados em praças centrais e portais de entrada.

O caso de Itaperuna não difere muito de exemplos observados em municípios próximos. Em Cardoso Moreira, a declaração de afeto ao antigo distrito de Campos dos Goytacazes localiza-se em uma praça central. Na cidade de Maripá de Minas, a expressão substitui o pronome singular *Eu* pela forma plural *Nós*. Já em Ponte do Itabapoana, distrito do município capixaba de Mimoso do Sul, a inscrição é finalizada com “Ita”, abreviatura do nome do rio cuja ponte dá origem à denominação do lugar.

Trata-se de variações formais que não alteram o conteúdo da mensagem. O emprego do coração estilizado no lugar do verbo “amar” — ou de sua variante “amo” — indica uma tentativa de atualizar a linguagem da monumentalidade urbana, aproximando-a do repertório imagético amplamente difundido nas redes sociais. Ícones como *emojis* tornaram-se parte constitutiva das práticas comunicacionais contemporâneas, facilitando a assimilação da mensagem por um público ampliado, especialmente entre as gerações mais jovens, cuja experiência do mundo é cada vez mais mediada por telas de dispositivos digitais.

No caso específico de Itaperuna, a presença do símbolo “#” [hashtag] reforça essa aproximação com o universo das interações digitais. Ao incorporar um elemento típico da indexação e circulação de conteúdos nas redes sociais, o monumento sugere uma tentativa deliberada de atualizar uma forma tradicional — o monumento em concreto armado — por meio de signos associados à cultura digital.

Nos quatro casos citados, referentes a monumentos recentemente construídos em cidades de pequeno ou médio porte, as mensagens parecem ser muito parecidas. Em todos eles, enfatiza-se a afetividade, a cordialidade e o acolhimento que devem caracterizar a relação das populações locais com seus respectivos espaços, bem como a experiência dos visitantes.

Ainda que não tenha sido concebido explicitamente com esse propósito, o uso do coração estilizado nesses monumentos, imagem já consagrada por celebrar emoções, reforça a própria dimensão afetiva que caracteriza a tradição monumental. Mesmo quando erigidos em concreto armado, e não mais em pedra e cal, tais artefatos mantêm aquilo que Choay [2006] identifica como a natureza intrinsecamente afetiva do monumento. De acordo com a autora, cuja obra é uma referência para se discutir questões relativas ao patrimônio histórico e cultural, os monumentos são concebidos intrinsecamente para mobilizar a emoção, evocando uma memória viva ou reativando lembranças que se encontram obscurecidas pelo tempo.

Em sua origem, a palavra *monumento* deriva do latim *monumentum*, vocábulo associado ao verbo *monere*, que significa advertir ou lembrar. Em consonância com essa origem, o monumento assume a função social de reavivar a memória, auxiliando os indivíduos a enfrentarem aquilo que Choay [2006] denomina “traumatismo da existência”.

No caso específico de Itaperuna, que constitui o foco desta análise, a ênfase na dimensão afetiva não se restringe ao monumento da rotatória. Ela já se encontrava materializada, desde a década de 1990, em outro marco urbano: o pórtico instalado no chamado “corte de pedra”, onde se destaca a inscrição: “ITAPERUNA: guarde no coração o afeto deste povo acolhedor”.

O denominado corte de pedra — e, conseqüentemente, o pórtico ali erigido — localiza-se no extremo oposto ao da rotatória, demarcando o acesso à área central para viajantes que ingressam pela BR-356 em seu trecho Sul, especialmente aqueles provenientes de Campos dos Goytacazes ou do estado do Espírito Santo, após a travessia da fronteira natural representada pelo rio Itabapoana.

Desse modo, não parece exagerado afirmar que Itaperuna — mais especificamente seu núcleo urbano — constrói, por meio desses dispositivos monumentais posicionados em entradas opostas da cidade, uma narrativa reiterada de acolhimento. Aos visitantes oriundos de municípios da Região Noroeste Fluminense, da Zona da Mata Mineira ou do Sul do Espírito Santo, o espaço urbano apresenta-se simbolicamente como lugar aprazível e receptivo, cuja identidade é associada à cordialidade de seu povo.

Dois aspectos chamam a atenção quando se analisa o esforço de criação e difusão de uma imagem positiva de Itaperuna, direcionada tanto aos visitantes quanto aos próprios moradores.

Em primeiro lugar, observa-se que os dois monumentos, situados em pontos estratégicos da cidade — nas porções Norte e Sul da BR-356 —, configuram-se, na prática, como portais de acesso ao perímetro urbano. Essa localização não é um dado secundário. O município de Itaperuna tem sua origem histórica precisamente em seu núcleo urbano — a antiga Vila de São José do Avahy —, conforme registram memorialistas como [Muylaert Júnior \[2021\]](#), [Henriques \[1956\]](#) e [Ligiéro \[2022\]](#).

Ao praticamente circundarem o núcleo urbano e demarcarem as duas principais vias de acesso a ele, os monumentos produzem um efeito simbólico relevante. A mensagem de acolhimento que ambos oferecem em uníssono aos viajantes sugere que quem acolhe é a cidade — mais especificamente o núcleo urbano — e não o município em sua totalidade. Esse deslocamento simbólico merece atenção, sobretudo se considerarmos que Itaperuna possui extenso território rural, forte tradição de produção agrícola e pecuária e diversos distritos, cada qual constituindo um povoado com identidade própria.

Desse modo, é o núcleo urbano que se apresenta como lugar de acolhimento, tanto por meio do portal do corte de pedra quanto pelo monumento da rotatória. À luz da história local narrada por seus principais memorialistas, tal representação sugere que a própria gênese de Itaperuna procura afirmar-se como uma espécie de “Terra da Promissão”, em alusão à obra clássica e rara de Major Porphirio Henriques, publicada postumamente em 1956 e nunca mais reeditada.

O episódio bíblico [...] justifica, plenamente, a razão de ser do nome que adotamos para este livro: “A TERRA DA PROMISSÃO”. [...] Itaperuna é, sem favor, no século XX, “A TERRA DA PROMISSÃO”, vasta e ubérrima, aberta e sorridente a todos os Moisés contemporâneos que queiram habitá-la para engrandecê-la. Em troca, Itaperuna, como lembra a passagem bíblica, oferece o bem-estar, o conforto das localidades civilizadas, a paz espiritual conseqüente do trabalho produtivo e do meio ambiente que se eleva do comum, e multiplica como por encanto os capitais nela empregados. Os que a demandam e a penetram sentem-se irresistivelmente presos do encanto da sua natureza privilegiada e da hospitalidade do seu povo extremamente gentil. Ali não medram os desalentados, os leprosos, os imundos, descritos pelas Escrituras Sagradas, como indignos de habitarem, como antigamente, a Terra Prometida. O povo do Município de Itaperuna, pela sua formação étnica e pelo conservadorismo liberal da sua organização

mental, zelando as tradições de brio e respeito dos seus maiores, através das suas proles, opera a profilaxia social e higiene moral dos seus elementos, sendo, pois, instintivamente um facultativo de caracteres. Por onde quer que se encare este grande Município fluminense, ele nos apresenta um formidável centro de atividades do seu povo, em busca de um sublimado de grandeza e de crescente progresso [Henriques, 1956, p. 53].

O segundo aspecto diz respeito à imagem que os monumentos atribuem ao núcleo urbano de Itaperuna: a de espaço de acolhimento, de lugar favorável e promissor. Na tradição local, [Henriques \[1956\]](#) associou essa representação à Terra Prometida das Escrituras Sagradas para judeus e cristãos. O autor, contudo, faz a ressalva de que esse lugar idealizado não se destinaria indistintamente a todos, mas apenas àqueles considerados dignos.

Considerando que essa imagem é projetada para informar os visitantes acerca do que lhes aguarda em Itaperuna, torna-se necessário problematizar sua correspondência com as percepções mais recentes sobre a cidade. Para muitos que não conhecem o município do Noroeste Fluminense — e até mesmo para parte de seus moradores —, Itaperuna tem sido associada a representações menos favoráveis.

Fora de suas fronteiras, a cidade é frequentemente mencionada como lugar de clima excessivamente quente, quase hostil; como espaço marcado por enchentes recorrentes; ou ainda como nova fronteira da expansão do crime organizado, especialmente do tráfico de drogas. Essas imagens contrastam de forma evidente com a idealização da “Terra Prometida”.

Tal contraste também se distancia da expressão “Gigante da Serra”, atribuída a Itaperuna por [Lamego \[2007\]](#), em obra originalmente publicada em 1950. Segundo o geógrafo campista, esse “gigantismo” decorria do avanço dos trilhos da Estrada de Ferro do Carangola pelo Noroeste Fluminense e podia ser aferido pelo crescimento exponencial da população local, à época.

Foi este – o empreendimento da Estrada de Ferro do Carangola – o marco histórico definitivo para a evolução de Itaperuna. Atraídos pelo café, de Minas e de Campos afluem trabalhadores com suas famílias para novas fazendas rapidamente adquiridas por elementos ativos da montanha e da planície. Com o término da escravidão, a vasta zona de matagais serranos acusava em 1890 o número de habitantes ainda pequeno de 9327, se o compararmos aos 6014 do censo de 1872, mas constituindo uma eugênica população eminentemente entregue a duras atividades rurais. Com o avanço da estrada de ferro, porém, através das matas campistas rumo a Itaperuna e cada vez mais facilitando os transportes, o recenseamento de 1920 registrou para o município cerca de 100 mil habitantes [[Lamego, 2007](#), p. 291-292].

A ferrovia avançava pelo vale do rio Muriaé, acompanhando o desenvolvimento da cafeicultura. À medida que inaugurava estações em sequência, estimulava a formação e a consolidação de povoados que tornavam pontos de convergência tanto da produção cafeeira quanto do fluxo de pessoas. [Lamego \[2007\]](#) destaca essa combinação de fatores e chama a atenção para o paroxismo que caracterizava aquele momento histórico, marcado por cafeeiros ainda jovens e, portanto, de elevada produtividade.

Pode-se medir o assombroso esforço do itaperunense no plantio do café pelo número de pés existentes na primeira destas safras: 52 304 000 em produção além de 4 140 700 novos cafeeiros. De longe a sobrepujar todos os recordes da terra paulista, Itaperuna já era, há cerca de 20 anos, o município de maior número de pés de café de todo o Brasil [...] [[Lamego, 2007](#), p. 293].

Essa predisposição para ressaltar os aspectos positivos de Itaperuna, consagrada nas obras de [Henriques \[1956\]](#) e [Lamego \[2007\]](#), também pode ser observada em outros autores, como [Diniz \[1985\]](#), [Muylaert Júnior \[2021\]](#) e [Ligiéro \[2022\]](#), a ponto de se constituir como uma espécie de tradição interpretativa local.

Cada um, a seu modo, destaca episódios da história do município que reforçam essa positividade e atribuem a Itaperuna posições de destaque em diferentes escalas territoriais e recortes temporais específicos:

1. Na escala regional, no âmbito do Noroeste Fluminense, a antiga Vila de São José do Avahy tornou-se, em 1889, sede de um município recém-emancipado de Campos dos Goytacazes, em detrimento de povoados mais antigos, como Laje do Muriaé e Natividade do Carangola, conforme ressaltam [Henriques \[1956\]](#), [Muylaert Júnior \[2021\]](#) e [Ligiéro \[2022\]](#).
2. Na escala estadual, entre as décadas de 1950 e 1990, a bacia leiteira do município foi apontada como a maior do estado do Rio de Janeiro e uma das maiores do país. Tal projeção atraiu investimentos da multinacional Fleischmann & Royal, que instalou em Itaperuna a primeira fábrica de leite em pó da América Latina, conforme destaca [Diniz \[1985\]](#).
3. Na escala nacional, ainda em 1889, foi instalada em Itaperuna a primeira Câmara Municipal com maioria republicana do Brasil, fato ocorrido em pleno regime monárquico.
4. Na escala internacional, [Henriques \[1956\]](#) assinala que, em 1929, Itaperuna teria sido o maior produtor *per capita* de café do mundo — precisamente no ano em que se iniciou a maior crise da economia capitalista até então registrada.

Como se pode notar, as conjunturas variam e as referências fáticas também; entretanto, as narrativas convergem para uma concepção idealizada de Itaperuna, reiteradamente afirmada como “Gigante da Serra” ou “Terra da Promissão” — expressão que, convém lembrar, não designa um lugar destinado a todos.

[Lamego \[2007, p. 292\]](#) alude ao processo de formação de uma “eugênica população eminentemente entregue a duras atividades rurais”, destacando que a expansão da cafeicultura no município ocorreu majoritariamente com a presença de migrantes oriundos de Minas Gerais ou de imigrantes de ascendência europeia, no contexto de substituição da mão de obra escravizada. Não há, contudo, qualquer comentário acerca do destino das famílias de ex-escravizados.

[Henriques \[1956, p. 53\]](#), por sua vez, afirma que “ali não medram os desalentados, os leprosos, os imundos, descritos pelas Escrituras Sagradas como indignos de habitem, como antigamente, a Terra Prometida”. A seleção vocabular empregada reforça a ideia de distinção moral e social como critério de pertencimento ao espaço idealizado.

De modo geral, tais autores — do geógrafo aos memorialistas — compartilham uma concepção de história edulcorada, construída de cima para baixo na hierarquia social. Trata-se de uma narrativa que enaltece conquistadores e colonizadores, ao mesmo tempo que apaga a memória coletiva dos colonizados, ignora sujeitos subalternizados e marginaliza aqueles que não se enquadram em um modelo civilizatório de matriz eurocêntrica.

É precisamente essa concepção idealizada de sociedade, que exclui os desviantes e naturaliza hierarquias, que prenuncia as contradições observáveis na Itaperuna contemporânea. Ao celebrar seu próprio passado no monumento da rotatória, a cidade coloca em evidência tensões que põem em xeque a imagem de espaço acolhedor e a pretensão de configurar-se como uma espécie de paraíso na terra.

Para os transeuntes da rotatória — em sua maioria pessoas que apenas atravessam a cidade, sem nela se fixar e, portanto, sem a oportunidade de conhecê-la em sua complexidade interna —, a Itaperuna contemporânea talvez esteja mais associada a concepções negativas do que às representações positivas que os monumentos procuram difundir. Trata-se de imagens que circulam amplamente no senso comum, especialmente nas redes sociais, muitas vezes eivadas de preconceitos, mas, por vezes, também sustentadas por elementos da realidade local.

Ora é a Itaperuna do calor intenso que aparece em reportagens como a do *Globo Rural*, de 21 de janeiro de 2025 [Walzburiech, 2025], ou que motiva alertas emitidos pela Defesa Civil Municipal, como o de 25 de fevereiro de 2025 [Prefeitura de Itaperuna, 2025], ora é a cidade marcada por enchentes sazonais, descritas, por exemplo, em vídeo publicado em 22 de março de 2024 pelo canal TV Noroeste RJ [Andando [...], 2024], além das recorrentes preocupações registradas no site oficial da Defesa Civil do município [Itaperuna, 2025].

Em outras ocasiões, Itaperuna tem figurado nos noticiários em razão de episódios de violência, frequentemente associados a disputas relacionadas ao tráfico de drogas, cuja presença tem sido apontada como crescente nos últimos anos. Tal cenário pode ser observado em reportagens publicadas pelo *site* G1, em 12 de maio de 2025 [Bustilho, 2025a, 2025b].

Não cabe, neste momento, determinar qual das duas imagens — a positiva ou a negativa — melhor representa a cidade. O que se impõe é o reconhecimento e a problematização do contraste entre elas. Chama a atenção o fato de que os dois monumentos, de maneira convergente, busquem atribuir a Itaperuna uma imagem que se configura como contraponto direto a certas representações recorrentes no imaginário social.

De um lado, projeta-se a “Terra da Promissão”, que acolhe o visitante; de outro, difunde-se a ideia de um lugar de clima abrasivo, quase inóspito, atravessado pelo rio Muriaé. Esse rio, por sua vez, carrega consigo uma longa tradição simbólica que remonta ao processo de colonização do território do Noroeste Fluminense por mineiros, em meados do século XIX, ou mesmo a períodos anteriores, quando os puris ocupavam essas terras.

O próprio nome “Muriaé” traz consigo uma carga semântica que, segundo Ligiéro [2022, p. 46], em remissão a Henriques [1956], significa:

MURIAÉ. É um topônimo de origem indígena, que os novos habitantes adaptaram aos seus costumes e pronúncia, aportuguesando-a. Ela tem origem no seguinte fato: quando um indígena doente, em estado grave, atirava-se ao rio, e, já, pela doença, choque ou correnteza das águas, desaparecia para sempre, Morrial E os companheiros, apontando com o dedo o lugar onde o índio se tinha atirado, exclamavam: MURI-AÍ o que quer dizer: “MORREU AÍ”.

Ligiéro [2022] redigiu originalmente sua obra na década de 1960, portanto poucos anos após a publicação póstuma do livro de Henriques. Tal proximidade temporal sugere não apenas diálogo interpretativo mas também inserção em um mesmo horizonte memorialístico de construção da narrativa histórica local.

Mais adiante, Ligiéro [2022] estabelece nova remissão, desta vez a Carvalho [2022], cuja obra foi originalmente publicada em 1888. Trata-se de um contexto particularmente significativo, pois coincide com o momento em que o processo de colonização do Noroeste Fluminense — e, de modo mais específico, de Itaperuna — encontrava-se suficientemente consolidado para prenunciar a chamada época áurea que, décadas depois, seria descrita por Henriques [1956] e Lamego [2007].

Desse modo, as referências mobilizadas por [Ligiéro \[2022\]](#) conectam diferentes temporalidades: o momento da consolidação da ocupação territorial, no final do século XIX, e a elaboração posterior de uma narrativa que enaltece esse passado como período de excepcional prosperidade.

MOURIAHÉ é um termo português corrupto, composto do verbo MORRER e do advérbio AHI: os Índios que antigamente se queria cathequizar, e principiavam a aldear-se na margem dêsse rio, assaz pestífero, aonde muitos morreram, já sabendo alguma coisa do nosso idioma sempre conservavam os ásperos assentos da sua língua. Quando algum Português lhes perguntavam por algum dos seus parentes já falecidos, respondiam MORIAHÉ [para explicar “morreu ali”]. Assim se ficou o rio MORIAÉ [[Ligiéro, 2022](#), p. 46].

A forte carga simbólica associada ao nome Muriaé, que identifica o rio às margens do qual se desenvolveu Itaperuna — a ponto de seu núcleo urbano mais antigo praticamente acompanhar o seu curso —, é reativada, periodicamente, por episódios que parecem reafirmar a imagem de um lugar inóspito, quase hostil, para moradores e visitantes.

Antes mesmo de sua colonização efetiva por migrantes, em sua maioria oriundos de Minas Gerais, no século XIX, o território onde atualmente se localiza Itaperuna — denominado Sertão da Pedra Lisa em documentos oficiais do século XVIII — já era certamente ocupado por povos originários, com destaque para os puris. Esses grupos, muito antes de terem sido silenciados em suas memórias coletivas, deixaram provavelmente essa herança linguística pontual, que não apenas batiza o rio em torno do qual nasce e se consolida Itaperuna, mas também carrega lembranças de mortes ocorridas em tempos imemoriais, distintos daquele que inspiraria a ideia de “Terra da Promissão”, conforme diria [Henriques \[1956\]](#).

O próprio Henriques dedica parte de seu texto memorialístico a investigar a mística do nome do rio, destacando duas variáveis significativas. A primeira diz respeito a uma suposta lenda indígena, que reforça a ideia do leito do Muriaé como lugar de morte. A segunda, derivada em parte da primeira, evidencia limites intrínsecos à narrativa idealizada da cidade — pequenas máculas que põem em xeque concepções de mundo perfeito diante do choque com a realidade.

O Major Porphírio Henriques vai da lenda a um perigo real, parcialmente vinculado ao rio: a malária. Em algumas ocasiões, a doença provocou surtos em Itaperuna, deixando na memória coletiva de moradores mais idosos expressões como: “aqui a malária era tanta que adoecia até os mourões de cerca”.

[...] o nome de “Muriaé” sobreviveu à existência dos nativos, incorporando-se à vida histórica deste Município. [...] [o nome] tem origem no seguinte fato: quando um indígena se sentia doente, em estado grave, atirava-se ao rio, e, já pela doença, choque ou correnteza das águas, desaparecia para sempre. Morria! E, os seus companheiros, apontando com o dedo o lugar nas águas em que o índio se tinha atirado, exclamavam: - “Muri-ai”, o que quer dizer: “Morreu ai”. Suponhamos que o infeliz nativo tivesse esse gesto de desespero, atirando-se ao rio, na intenção de se refrescar, porque estivesse seu corpo atacado de alto calor produzido por febre palustre, possivelmente pela febre característica da malária, a qual já grassou aqui por muito tempo [...] [[Henriques, 1956](#), p. 98].

Mais adiante, no curso da narrativa de seu livro clássico, Henriques menciona enchentes ocorridas em Itaperuna nos anos de 1841, 1896, 1906, 1916, 1943 e 1947, destacando que a mais severa delas foi a de 1906, “quando as águas tomaram conta da incipiente cidade, em que suas casas foram alcançadas [...], com exceção da estrada de ferro” [[Henriques, 1956](#), p. 123].

Cabe ressaltar que o Major Porphírio faleceu em 1953 e, portanto, não pôde registrar em seu livro póstumo outras grandes cheias posteriores, especialmente a ocorrida em 1979, que provocou danos significativos à área central da cidade. Mais uma vez, apenas os trilhos da estrada de ferro foram poupados — justamente no ano em que passou o último comboio e a ferrovia foi definitivamente desativada.

Ainda no livro clássico de Henriques, aparece uma narrativa sobre o chamado “Grupo da Morte”, um bando de justiceiros que se especializou em perseguir e eliminar pessoas acusadas de crimes comuns em Itaperuna e em outros povoados do Noroeste Fluminense.

Transcorria o ano de 1913, quando no dia 4 de março, um grupo de prejudicados, tendo à frente os fazendeiros Amaro dos Santos, Domingos Macêdo, Lucas Moreira Bastos, Manoel Laxe Gouvêa de Mendonça, Francisco Lopes, Luiz de Mattos Meireles e outros [...] formando uma legião armada e municida, que tomou o nome de – Grupo da Morte – para justicar por suas próprias mãos os indigitados ladrões de cavalos e malfeitores, devido à incúria das autoridades públicas, que por falta de prestígio para reprimirem o vandalismo que imperava na zona nordestina deste Estado, se acumpliciaram com os amotinados e iniciaram a carnificina. [...] trinta e quatro foram as vítimas executadas pelo Grupo da Morte, inclusive o fazendeiro Coronel Firmo de Araújo, ex-presidente da Câmara da cidade de Palma, no Estado de Minas Gerais, que foi invadido pelo Grupo, sob a proteção das autoridades locais, inclusive o Juiz de Direito que se prestou a ir à fazenda daquele Coronel, buscá-lo sob garantias, ali, onde os invasores tiveram receio de ir, por estar a vítima armada e fortificada, para entregá-la ao Grupo que o assassinou, próximo daquela cidade mineira, ficando o seu cadáver abandonado na estrada [Henriques, 1956, p. 125].

Como se pode notar a partir desses trechos da obra do Major Porphírio Henriques, a imagem idealizada da “Terra da Promissão” associada ao município de Itaperuna não se restringe apenas àquela que se apresenta pronta para acolher os que nela chegam — desde que preencham os critérios para serem considerados “dignos” —, ela é também uma terra que frequentemente se distancia da própria idealização que se pretende atribuir, seja na obra memorialística, seja no monumento da rotatória.

Ainda no terreno das analogias com as Sagradas Escrituras, é possível identificar, de maneira metafórica, a presença de pelo menos três dos quatro cavaleiros do Apocalipse em alguns relatos consagrados pelos memorialistas, especialmente [Henriques \[1956\]](#). A Morte confere nome e significado ao rio Muriaé, cujas margens abrigam o desenvolvimento urbano de Itaperuna; a Peste manifesta-se associada ao rio, tanto no leito onde nativos, em desespero, podem se atirar, quanto nos períodos em que provavelmente proliferaram mosquitos transmissores da malária; e a Guerra aparece no *modus operandi* do chamado Grupo da Morte.

Quanto à Fome, não há registro específico em [Henriques \[1956\]](#) que a relacione diretamente à cidade. Entretanto, isso não impede que a figura do quarto cavaleiro possa emergir mediante uma análise mais aprofundada e atenta da narrativa do Major, especialmente quando se considera a historicidade e as tensões sociais do município.

De volta ao monumento propriamente dito, é importante destacar que todo monumento, em princípio, cumpre — ou ao menos deveria cumprir — uma função social. Em geral, ele celebra um recorte da realidade e o apresenta às pessoas como um elo possível de sua ligação com o mundo. Nesse sentido, o monumento orienta a percepção das pessoas sobre o recorte que ele próprio celebra, embora esse seja apenas um entre muitos outros que a realidade pode oferecer.

No caso do monumento da rotatória de Itaperuna, podem ser identificados dois recortes simbólicos, pois ele pode ser dividido em duas partes independentes entre si,

mas que dialogam, compondo um eixo simbólico mais complexo. A face mais visível — tanto pelo tamanho das letras que formam a frase “# Eu ❤️ Itaperuna” quanto por sua posição na entrada da cidade — materializa e difunde a dimensão afetiva, algo inerente à própria natureza dos monumentos em geral.

O monumento possui, entretanto, uma espécie de contraface, menos visível, que permanece praticamente oculta para os viajantes que passam pela rotatória sem parar. Essa contraface é composta por um conjunto de bandeiras dos municípios do Noroeste Fluminense, alinhadas atrás de três bandeiras que representam unidades da Federação em posição de destaque: o Brasil, o estado do Rio de Janeiro e o município de Itaperuna. As bandeiras estão dispostas em três linhas retas, formando quase um retângulo, ao passo que algumas mudas de cipreste-italiano [*Cupressus sempervirens*] foram plantadas em alinhamento cuidadoso.

O cipreste-italiano, com sua copa cônica, alta e estreita, é frequentemente utilizado em alamedas, praças, jardins, cemitérios e monumentos. Esse formato facilita o plantio em linha e harmoniza-se com figuras retilíneas e geométricas, transmitindo ao senso comum sensação de ordem, elegância e pompa. No entanto, uma análise mais acurada sobre seu uso sugere uma simbologia ambígua: ele também se associa à tristeza, ao recolhimento e ao luto, possivelmente por seu emprego tradicional em cemitérios e na ornamentação de mausoléus.

No caso do monumento da rotatória de Itaperuna, é improvável que o uso do cipreste tenha sido pensado com a intenção de evocar luto. Muito provavelmente, o objetivo foi reforçar a ideia de ordenamento, ligada ao exercício da autoridade e do poder em suas diversas dimensões. Esse simbolismo é ainda enfatizado pelo nome do monumento — Praça dos Poderes — que sugere justamente a centralidade do poder político e institucional no espaço urbano.

Do ponto de vista simbólico, o complexo da rotatória cumpre a função que habitualmente se espera dos monumentos, conforme Choay [2006]. A face, onde se encontra a inscrição “# Eu ❤️ Itaperuna”, atrai o olhar do transeunte e o convida a um flerte com a afetividade; a contraface, por sua vez, em que bandeiras de unidades federativas são dispostas de forma a colocar Itaperuna no centro, parece celebrar um passado idealizado, quando a cidade despontava como “Terra da Promissão”.

Entretanto, existem paradoxos que comprometem, simbolicamente, a eficácia do monumento em cumprir essa dupla função. Em primeiro lugar, o transeunte é, por definição, alguém que passa; ele não para diante do monumento. O fato de este estar situado numa rotatória garante sua visibilidade, mas impede que as pessoas possam contemplar seus detalhes e apreciá-lo em sua totalidade, especialmente a contraface, que remete à centralidade de Itaperuna. Assim, o monumento se apresenta de modo incompleto para o olhar fugidio do transeunte: a frase afetiva é visualizada, mas as bandeiras ordenadas e a inscrição da placa, que sintetiza o significado da contraface, permanecem invisíveis.

Essa contraface, portanto, passa despercebida durante os períodos de movimento contínuo característicos da rotatória. É justamente ela que pretende celebrar a memória viva da cidade, remetendo a um tempo idealizado em que Itaperuna era o Gigante da Serra [Lamego, 2007] ou a Terra da Promissão [Henriques, 1956]. Quando essa celebração não pode ser percebida, instala-se uma sensação de frustração e incompletude.

Mesmo a aleia de ciprestes-italianos, cuja simbologia inclui luto e recolhimento, parece prenunciar essa frustração. Ela acompanha a contraface, que não pode ser devidamente apreciada sem que o transeunte se esforce para parar e observar. É exatamente nesse espaço menos visível que se busca celebrar o passado idealizado de uma Itaperuna monumental, atrativa e central, mas cuja mensagem, paradoxalmente, permanece inacessível para a maioria dos que por ali passam.

Uma questão de centralidade e suas contradições

Dentro de uma perspectiva de história local e regional, a questão da centralidade manifesta-se como narrativa quase onipresente desde a gênese do município e da cidade de Itaperuna. Memorialistas como [Henriques \[1956\]](#), [Muyllaert Júnior \[2021\]](#) e [Ligiéro \[2022\]](#) destacam que a Vila de São José do Avahy, embora menor e menos estruturada do que povoados mais antigos como Natividade e Laje do Muriaé, tornou-se a sede administrativa do município de Itaperuna, recém-emancipado de Campos dos Goytacazes, em 1889.

[Ligiéro \[2022\]](#) chama atenção para a peculiaridade desse povoado, que ainda não passava de um agrupamento de casas em torno da estação Porto Alegre, integrante da Estrada de Ferro do Carangola, mas que seria definido como sede do novo município. A escolha de São José do Avahy suscitou debates na Assembleia da Província do Rio de Janeiro, refletindo a importância política e estratégica envolvida na determinação da centralidade municipal.

A oposição, na Assembleia, debatia-se contra a localização de tal comarca no Porto Alegre (tentando, logicamente, manter o *status quo*), alegando que “esta sede está em uma Estação da Estrada de Ferro do Carangola; é denominada Porto Alegre, tem apenas três casas, sendo uma a Estação; a outra, um hotel e a última comercial”, tendo a cidade em perspectiva “pequena área de terreno, limitado por um lado por uma montanha e, de outro lado, pelo Rio Muriaé que o alaga nas enchentes” ([Ligiéro, 2022](#), p. 170).

Independentemente dos argumentos da oposição — que, além de apontar para o pequeno porte do povoado, alegava que seu crescimento seria certamente limitado devido à localização em um vale sujeito a enchentes frequentes — a Vila de São José do Avahy foi efetivamente criada, posteriormente elevada à categoria de cidade com o nome de Itaperuna e transformada em sede de um município homônimo, conforme relata [Henriques \[1956\]](#).

A Vila de São José do Avaí, criada pela lei provincial n. 2.921, de 29 de dezembro de 1887, com sede na Estação de Porto Alegre, da Estrada de Ferro Carangola, foi elevada à categoria de cidade com a denominação de ITAPERUNA, de acordo com o Decreto n. 2, de 6 de dezembro de 1889, sendo a Comarca instalada com grandes festas no dia 11 de janeiro de 1890. O novo Município compunha-se dos seguintes distritos: 1, São José do Avaí; 2, Nossa Senhora da Penha; 3, Laje do Muriaé; 4, São Sebastião da Boa Vista; 5, Natividade do Carangola; 6, Santo Antônio do Carangola; 7, Varre-Sai; 8, Santa Clara do Carangola; 9, Arrozal de Sant’Anna do Itabapoana; 10, Bom Jesus do Itabapoana e 11, Santo Antônio do Itabapoana. Posteriormente, foram criados mais dois distritos, o 12 e o 13, sendo, respectivamente, Santa Rita de Ouro Fino [Ourânia] e São Sebastião da Vista Alegre [Purilândia]. No ano de 1890, o Governador Francisco Portela, dividiu o Município de Itaperuna em três Municípios, elevando à categoria de Vilas os distritos de Natividade do Carangola e Bom Jesus do Itabapoana, os quais foram extintos com a queda daquele governador, em 1892, e novamente anexados ao Município de Itaperuna ([Henriques, 1956](#), p. 81).

No mesmo momento em que o município se emancipava, já era perceptível a existência de questionamentos sobre o papel de centralidade que a Vila de São José do Avahy — núcleo original da cidade de Itaperuna — passava a assumir no município recém-emancipado. Segundo os memorialistas anteriormente citados, políticos de Natividade lutavam para transferir a sede municipal para o seu próprio vilarejo, enquanto os habitantes de Laje, por um lado, defendiam que a sede permanecesse em Laje e, por outro, se alinhavam ao projeto de transformar a Vila de São José em sede do município.

Um pouco mais tarde, em 1890, com o desmembramento do município de Itaperuna que resultou na criação dos municípios de Natividade do Carangola e Bom Jesus do Itabapoana, a disputa em torno da centralidade regional se intensificou. Essa tensão se deu também porque os novos municípios foram emancipados com apoio do então Governador Francisco Portela, mas foram reincorporados ao território de Itaperuna dois anos depois, em 1892, ano em que Portela foi deposto no contexto de uma crise política que culminou na queda do Presidente da República, Deodoro da Fonseca.

Outro marco situado na gênese do município e frequentemente citado pelos memorialistas para reforçar a centralidade de Itaperuna é a instalação da primeira Câmara Municipal. Celebrada como a primeira com maioria republicana no Brasil, a Câmara de Itaperuna teve seus vereadores eleitos em 10 de maio de 1889, com posse ocorrida em 4 de julho, antecedendo a Proclamação da República, em 15 de novembro do mesmo ano.

[...] Constituía a primeira Câmara Municipal deste Município [...] verificou-se que a sua maioria era de vereadores republicanos, fato virgem nos anais da História do Brasil! Itaperuna, quase perdida no sertão, com a vitória da ideia republicana, em pleno regime monárquico, dava um claro e verdadeiro testemunho da consciência cívica de seu povo ativo e independente, e parecia indicar às outras comunidades o caminho por onde o povo brasileiro devia seguir para conquistar o governo do povo, para o povo e pelo povo [Henriques, 1956, p. 75].

Essa posição de vanguarda da Câmara de Vereadores, destacada também por outros memorialistas, motivou recentemente o reconhecimento dessa casa legislativa como patrimônio histórico-cultural do estado do Rio de Janeiro, por meio da Lei Ordinária n.º 10.769/2025 [Rio de Janeiro, 2025]. Entretanto, outras cidades brasileiras também podem reivindicar para si o título de berço do republicanismo, ainda que por motivos distintos daqueles relacionados à composição majoritária de republicanos em suas câmaras municipais.

No Rio de Janeiro, então capital do país, foi publicado em 1850 o primeiro Manifesto Republicano, que estabeleceu as bases do movimento republicano e culminou na Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889. A cidade de Itu, no interior de São Paulo, sediou a primeira Convenção Republicana, em 1873, que definiu a posterior trajetória do Partido Republicano Paulista [PRP], agremiação política que atuou de forma decisiva durante a Primeira República [1894-1930] ao lado do Partido Republicano Mineiro [PRM], configurando a chamada Política do Café-com-Leite.

Ao longo de sua trajetória, duas variáveis da gênese de Itaperuna parecem reaparecer de tempos em tempos: a tentativa de atribuir à cidade um papel de destaque entre os demais municípios do Noroeste Fluminense e, simultaneamente, a volatilidade dos argumentos que sustentam essa posição e as contestações que eles inevitavelmente geram. Em 1929, por exemplo, Itaperuna despontou como maior produtora *per capita* de café do mundo, numa conjuntura em que seu território incluía os atuais municípios de Bom Jesus do Itabapoana, Porciúncula e Varre-Sai como distritos. No entanto, parte da produção de fato se concentrava nas áreas que hoje correspondem a esses municípios emancipados, o que coloca em perspectiva o título atribuído a Itaperuna na época.

Nas décadas de 1950 e 1960, o município começa a se destacar por sua produção leiteira, gradativamente assumindo a posição de maior bacia leiteira do estado do Rio de Janeiro. O destaque não se restringia ao volume de leite produzido, mas incluía também um processo de industrialização ligado a laticínios e derivados, conforme observa Diniz [1985]. Nessa conjuntura,

despontam os parques industriais da Cooperativa dos Produtores de Leite de Itaperuna Ltda. [CAPIL] e da Leite Glória, sendo esta última apontada como a primeira a produzir leite instantâneo na América Latina.

Mais recentemente, Itaperuna tem se destacado na prestação de serviços, especialmente nas áreas de saúde e educação. A cidade recebe diariamente centenas de pessoas em busca de atendimento médico-hospitalar de qualidade, principalmente no Hospital São José do Avahy, e de cursos de ensino superior. Atualmente, a cidade dispõe de uma universidade, um centro universitário, uma fundação educacional, um *campus* de instituto federal e cursos isolados em diversas áreas do conhecimento, consolidando sua centralidade regional no contexto do Noroeste Fluminense.

A centralidade de Itaperuna no conjunto regional do Noroeste Fluminense, segundo a pesquisa Regiões de Influência das Cidades [REGIC], do IBGE

No contexto da globalização e da reestruturação das economias regionais — processos geográficos marcantes das últimas décadas —, as mudanças espaciais passam a ocorrer além dos centros historicamente marcados pela dinâmica urbano-industrial. Observam-se transformações em diferentes contextos geográficos, inclusive em áreas distantes dos grandes centros metropolitanos, que até então ocupavam posições periféricas.

Quando projetada para o contexto do Estado do Rio de Janeiro, essa reflexão evidencia que as economias e os investimentos de caráter urbano-industrial, antes concentrados no núcleo central da área metropolitana, passam a se distribuir por outros conjuntos regionais. Isso possibilita maior interação e processos integrativos entre a capital metropolitana e as diversas regiões fluminenses, inclusive aquelas mais distantes, situadas nos limites interestaduais.

Dentre as unidades federativas do Brasil, o Estado do Rio de Janeiro apresenta o maior percentual de polarização da economia e da população em relação ao conjunto metropolitano. Esse processo de concentração espacial decorre do período em que a cidade do Rio de Janeiro — hoje capital do Estado — foi capital do Brasil por quase 200 anos. Com a transferência da capital para Brasília, em 1960, a cidade do Rio passou a constituir o Estado da Guanabara. Quinze anos depois, em 1975, ocorreu a fusão dos Estados da Guanabara e do Rio de Janeiro, em uma tentativa de promover maior integração territorial.

Entende-se que a divisão histórico-político-administrativa entre a metrópole do Rio e as regiões circunvizinhas resultou em consequências negativas para a distribuição dos investimentos públicos, que se concentraram no núcleo metropolitano.

Nas últimas décadas, contudo, o Estado do Rio de Janeiro tem apresentado mudanças significativas no ordenamento de seu território. Oliveira [2006, 2008] destaca as novas dinâmicas espaciais relacionadas à mobilidade das atividades econômicas para outras regiões do Estado, refletindo estratégias de localização das novas atividades e promovendo alterações na distribuição populacional e no mercado de trabalho.

Segundo Oliveira [2006, 2008], essas transformações têm impulsionado uma nova regionalização do Estado e uma reconfiguração da base econômica fluminense, que não se restringe mais ao conjunto metropolitano. Nessa nova regionalização, observa-se a emergência de outras centralidades no interior do Estado, ampliando a interação regional e o papel estratégico de cidades até então consideradas periféricas.

A presente seção realiza sua discussão à luz do conceito de centralidade regional no contexto da rede urbana e do conceito de posição geográfica, entendido como a situação locacional do município em relação aos fatores externos a ele, conforme apontam [Bernardes \[1959\]](#) e [Corrêa \[2004\]](#). Para compreender a dinâmica de reestruturação espacial e a emergência de novas centralidades regionais, é fundamental analisar as relações da localidade investigada com outras localidades, considerando o conceito de posição geográfica.

De acordo com [Nascimento \[2004\]](#), o conceito de posição foi amplamente difundido, sobretudo nas pesquisas em Geografia Urbana da segunda metade do século XX. A partir desse conceito, é possível compreender a influência e as funções de um conjunto urbano, o papel das atividades econômicas e as características dos sistemas produtivos, indicando o grau de importância relativa de uma localidade. Enquanto a localização geográfica de uma cidade permanece constante, a posição é variável, dependendo do contexto temporal e dos fatores circunstanciais do desenvolvimento espacial. Assim, segundo [Nascimento \[2004\]](#), a posição se define a partir de um valor relativo, em função desses fatores específicos e mutáveis.

Considerando que novas centralidades têm se estruturado no território fluminense, esta seção busca compreender a posição geográfica de centralidade regional de Itaperuna, evidenciada por sua localização estratégica como centro urbano, pela infraestrutura desenvolvida e pela influência que exerce sobre os municípios vizinhos. Tais fatores consolidam Itaperuna como um polo regional no Noroeste Fluminense.

A centralidade regional de Itaperuna refere-se ao papel que o município desempenha como polo de influência econômica, social e administrativa sobre sua região. Essa centralidade pode ser observada por meio da pesquisa REGIC, realizada pelo IBGE em 2018, que tem como objetivo identificar e analisar a rede urbana brasileira, estabelecendo a hierarquia dos centros urbanos e as regiões de influência das cidades. O estudo constitui uma ferramenta fundamental para a compreensão da geografia urbana do Brasil, ao estabelecer critérios de qualificação das cidades e das relações entre elas, revelando eixos de integração territorial e padrões diferenciados de distribuição das centralidades urbanas.

Ao fornecer visibilidade às centralidades e à dinâmica dos fluxos que as conectam, a REGIC torna-se um instrumento relevante para decisões locais e planejamento público, subsidiando a implantação de unidades administrativas de órgãos públicos, a definição de critérios para o fomento a investimentos, a escolha de locais para filiais de empresas e a identificação de áreas mais adequadas para a oferta de serviços de saúde e educação.

As cidades brasileiras são classificadas hierarquicamente a partir das funções de gestão que exercem sobre outras cidades, considerando seu papel de comando em atividades empresariais e de gestão pública, bem como sua atratividade para fornecer bens e serviços às demais localidades. O alcance desse comando e atratividade no território corresponde à delimitação de sua área de influência, ou seja, quais cidades estão subordinadas a cada centralidade classificada na pesquisa.

A partir da noção de rede urbana, é possível compreender melhor a articulação entre as regiões, entendidas como conjuntos de centros urbanos funcionalmente integrados, nos quais produção, circulação e consumo se entrelaçam, estabelecendo relações entre cidade e região. Ao analisar a rede urbana e a diferenciação hierárquica entre as cidades que a compõem, observa-se a variação quanto ao número de habitantes, ao tamanho e à distância entre elas, assim como possíveis diferenças nos bens e serviços oferecidos pelas localidades centrais às suas respectivas hinterlândias. Segundo [Corrêa \[2015\]](#), as características diferenciadoras presentes na hierarquia da rede urbana definem as relações entre cidade e região, bem como as

interações econômicas e sociais nas redes urbanas de nível metropolitano, nacional ou regional. Nessas redes, há cidades-polo que atuam sobre áreas constituídas por cidades médias e de porte menor, seguidas por pequenos municípios.

Itaperuna é o principal município da região Noroeste Fluminense, no estado do Rio de Janeiro, exercendo significativa centralidade regional. De acordo com a classificação da REGIC [IBGE, 2020], Itaperuna é considerado um Centro Sub-regional A, o que indica forte influência sobre os municípios vizinhos, especialmente nos setores de saúde, educação e comércio. Além de Itaperuna/RJ, outros exemplos de Centros Sub-regionais A são Além Paraíba/MG, Sapucaia/RJ, Resende/RJ, Barra do Piraí/RJ e Nova Friburgo/RJ. Segundo a REGIC [IBGE, 2020, p. 11], no terceiro nível hierárquico de Centro Sub-regional, nota-se que:

[...] as 352 cidades brasileiras possuem atividades de gestão menos complexas [todas são nível 3 na classificação de gestão do território], com áreas de influência de menor extensão que as das capitais regionais. São também cidades de menor porte populacional, com média nacional de 85 mil habitantes, maiores na Região Sudeste [100 mil] e menores nas Regiões Sul e Centro-Oeste [75 mil]. Este nível divide-se em dois grupos: a) Centro Sub-regional A - composto por 96 Cidades presentes em maior número nas Regiões Sudeste, Sul e Nordeste, e média populacional de 120 mil habitantes; e b) Centro Sub-regional B - formado por 256 Cidades com grande participação das Regiões Sudeste e Nordeste, apresenta média nacional de 70 mil habitantes, maiores no Sudeste [85 mil] e menores no Sul [55 mil].

A Região Noroeste Fluminense foi marcada por períodos de crescimento e decréscimo populacional, assim como por ciclos de desenvolvimento e estagnação econômica. O processo de configuração regional tem sido caracterizado pelas emancipações de municípios ao longo dos séculos XIX e XX, provocando alterações na composição da rede urbana, como discutido na Seção 2 deste artigo.

Ao analisar os processos de emancipação dos municípios da região Noroeste Fluminense, observa-se que muitos novos municípios, antes distritos, desmembraram-se principalmente de Itaperuna, evidenciando o papel histórico de centralidade do município, que polariza as atividades econômicas regionais. Além de Itaperuna, outros municípios foram desmembrados de cidades do Norte Fluminense, como São Fidélis e Campos dos Goytacazes, reafirmando os vínculos históricos entre o Noroeste e a Região Norte Fluminense.

Atualmente, a Mesorregião Noroeste do Estado do Rio de Janeiro é composta por treze municípios: Aperibé, Bom Jesus do Itabapoana, Cambuci, Italva, Itaocara, Itaperuna, Laje do Muriaé, Miracema, Natividade, Porciúncula, Santo Antônio de Pádua, São José de Ubá e Varre-Sai. Essa mesorregião é dividida em duas microrregiões: Itaperuna e Santo Antônio de Pádua.

O monumento da rotatória, com as bandeiras dos municípios do Noroeste Fluminense, citado na Introdução deste artigo, reforça a posição de centralidade exercida por Itaperuna na região.

Em 2022, segundo o IBGE, a população do município era de 101.041 habitantes, número superior à média dos demais municípios da região. É no centro da cidade que se concentram serviços especializados e o comércio, voltados para atender toda a rede urbana regional.

No contexto da saúde, Itaperuna dispõe de hospitais especializados que atendem não apenas os moradores do município, mas também a população dos demais municípios do Noroeste Fluminense. Uma situação semelhante ocorre na educação superior, com a formação de um polo de instituições privadas que atrai estudantes tanto do município quanto de localidades vizinhas.

Além das instituições privadas, Itaperuna abriga um dos *campi* do Instituto Federal Fluminense, oferecendo cursos profissionalizantes integrados ao Ensino Médio, Ensino Superior e programas de Pós-Graduação. Entre os estudantes, parte reside em Itaperuna, enquanto uma parcela significativa provém de outros municípios da região.

Para garantir a circulação de pessoas e a conexão regional, a rodoviária de Itaperuna desempenha papel estratégico, concentrando linhas de ônibus que atendem aos demais municípios e fortalecem a integração da rede urbana regional.

Os fluxos econômicos que ocorrem na Mesorregião do Noroeste Fluminense são determinantes para a posição geográfica de Itaperuna, sendo relevante compreender o papel desempenhado por essa localidade central. Itaperuna destaca-se como Centro Sub-regional, com conexões que se estendem além da mesorregião, alcançando municípios de estados vizinhos, como Espírito Santo e Minas Gerais.

Um exemplo ilustrativo da centralidade regional exercida por Itaperuna é a feira livre do município, de grande importância econômica ao comercializar produtos locais e regionais provenientes da agricultura familiar. Feiras livres representam não apenas o comércio popular mas também a integração social e a celebração dos costumes agrícolas e gastronômicos da região. A feira de Itaperuna ocorre aos sábados, na área central da cidade, reunindo produtos cultivados e comercializados por produtores locais e de municípios vizinhos, incluindo localidades da Zona da Mata Mineira. A proximidade entre as áreas de produção e o espaço da feira favorece a oferta de produtos de maior qualidade a preços mais acessíveis em comparação às grandes redes varejistas, consolidando a feira como um espaço que valoriza a produção regional.

A posição geográfica de centralidade de Itaperuna na região Noroeste Fluminense não é resultado de uma evolução histórica linear. A implantação da rede viária regional, aliada à Estrada de Ferro Campos-Carangola, inaugurada em 1877, possibilitou maior conexão e interação com os demais municípios da região, bem como com localidades dos estados vizinhos.

A fundação de Itaperuna ocorreu em 1885, quando o povoado foi elevado à categoria de vila, sob o nome de Natividade de Itaperuna, pelo Decreto Provincial n.º 2.810, de 24 de novembro de 1885, desmembrando-se de Campos [IBGE, 1959]. Com uma estrutura produtiva inicialmente baseada na pecuária de corte, no cultivo de culturas temporárias e na indústria de laticínios e, posteriormente ampliada por meio de uma diversificação econômica, Itaperuna consolidou-se como centro de referência. O município passou a exercer relevância e posição de centralidade em relação aos demais municípios cafeeiros circunvizinhos, polarizando atividades comerciais e serviços na região, incluindo municípios limítrofes de Minas Gerais.

Considerações finais

No primeiro capítulo teórico deste artigo, foi analisado o monumento da rotatória de Itaperuna, denominado Praça dos Poderes. O monumento foi concebido a partir de suas partes constitutivas: uma face que procura acolher o visitante que passa pela entrada da cidade e uma contraface menos visível, que aborda a questão da centralidade e confere sentido ao monumento como um todo. Foram apontadas algumas contradições no cumprimento da função social do monumento.

Já no segundo capítulo teórico, a centralidade de Itaperuna no Noroeste Fluminense foi abordada a partir de textos memorialísticos locais. Destacou-se uma concepção dúbia, que ora enfatiza os atributos geográficos, urbanos, populacionais e até genéticos do povo

itaperunense – em linha com concepções eugênicas das primeiras décadas do século XX no Brasil – ora apresenta uma narrativa permeada por pessimismo e visão negativa a respeito da região e de suas características. Ao mesmo tempo, evidenciou-se a construção da memória e de um passado itaperunense que reforçaria a centralidade de Itaperuna na região, atualização que se reflete contemporaneamente na imagem da Praça dos Poderes. Ademais, o texto demonstrou a dificuldade de consolidar a liderança regional de Itaperuna frente a territórios e distritos que hoje correspondem aos municípios de Natividade e Bom Jesus do Itabapoana.

No capítulo seguinte, o artigo, de natureza regional, analisou questões específicas da Região Noroeste Fluminense, com destaque para o município de Itaperuna, que exerce centralidade sobre a rede urbana regional, de acordo com dados da pesquisa REGIC, produzida pelo IBGE e lançada em 2018. O estudo enfatiza a articulação que cidades de porte médio exercem sobre os centros urbanos de sua hinterlândia, bem como a importância de seu comércio e de seus serviços para o crescimento econômico ao longo dos anos.

Apesar de o Noroeste Fluminense apresentar indicadores econômicos inferiores aos do conjunto metropolitano do Estado do Rio de Janeiro, a região constitui um dos principais polos de produção agropecuária do estado e abriga em Itaperuna um polo industrial de pequeno e médio porte. Esse município se configura como centro sub-regional, exercendo influência sobre sua hinterlândia, resultado da concentração de estabelecimentos produtivos vinculados ao comércio e aos serviços, especialmente nos setores de saúde e educação.

Como já observado, duas variáveis presentes na gênese de Itaperuna reaparecem periodicamente: a tentativa de atribuir ao município um papel de destaque entre os demais municípios do Noroeste Fluminense e a volatilidade dos argumentos que sustentam essa posição, gerando contestações constantes. Com sua face visível aos olhos do transeunte, a Praça dos Poderes convida as pessoas a desenvolverem uma relação afetiva com a cidade; em sua contraface, parcialmente escondida, o monumento assume um tom mais solene, com bandeiras alinhadas e ciprestes, revelando toda a sua complexidade. Para compreender plenamente esse sentido, é necessário que o transeunte, em primeiro lugar, pare, e, em segundo, mergulhe na história local de Itaperuna, especialmente na busca constante do município por centralidade. Entretanto, o transeunte raramente para, e a história local de Itaperuna permanece, em grande parte, desconhecida até mesmo para os próprios itaperunenses. Nesse contexto, o monumento parece não cumprir plenamente sua pretensão de ser a Praça dos Poderes.

Referências

ANDANDO por aí Brasil afora. Itaperuna, chuva forte alagou ruas. [*S. l.*: *s. n.*], 23 mar. 2024. 1 vídeo [9 min]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-qFIceD9hP0>. Acesso em: 18 maio 2025.

BERNARDES, L. Importância da posição como fator do desenvolvimento do Rio de Janeiro. **Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 175-196, 1959.

BUSTILHO, L. Homem é preso em flagrante por tortura em Itaperuna. **G1**, Itaperuna, 12 maio 2025a. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/norte-fluminense/noticia/2025/05/12/homem-e-preso-em-flagrante-por-tortura-em-itaperuna.ghtml>. Acesso em: 18 maio 2025.

BUSTILHO, L. Jovens são apreendidos suspeitos de executar uma advogada e o amigo dela em Itaperuna. **G1**, Itaperuna, 12 maio 2025b. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/norte-fluminense/noticia/2025/02/15/jovens-sao-apreendidos-suspeitos-de-executar-advogada-e-o-amigo-dela-em-itaperuna.ghtml>. Acesso em: 18 maio 2025.

CARVALHO, A. **Apontamentos para a História da Capitania de S. Thomé**. Campos dos Goytacazes: Essentia, 2022.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: UNESP, 2006.

CORRÊA, R. L. [org.]. **Estudos sobre a rede urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

CORRÊA, R. L. Posição geográfica das cidades. **Cidades**, Chapecó, v. 1, n. 2, p. 317-323, 2004. DOI: <https://doi.org/10.36661/2448-1092.2004v1n2.12545>. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/cidades/article/view/12545>. Acesso em: 18 maio 2025.

DINIZ, D. **Itaperuna**: o desenvolver de um município. Itaperuna: Damadá, 1985.

HENRIQUES, P. **A Terra da Promissão**: História de Itaperuna. Rio de Janeiro: Editora Aurora, 1956.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1959. p. 271-275.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Regiões de Influência das Cidades 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

ITAPERUNA [RJ]. Prefeitura. **Defesa civil**. Itaperuna: Prefeitura, 2025. Disponível em: <https://itaperuna.rj.gov.br/pmi/defesa-civil>. Acesso em: 18 maio 2025.

LAMEGO, A. R. **O Homem e a Serra**: Setores da Evolução Fluminense. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

LIGIÉRO, M. **O Homem, o Rio e a Terra**: o rio Muriaé e a Freguezia da Laje, traços geográficos e históricos. Campos dos Goytacazes: Essentia, 2022.

MASSA, F. **Um Francês no Vale do Carangola**: Alexandre Bréthel, farmacêutico e fazendeiro [pesquisa sobre sua correspondência brasileira, 1862-1901]. Belo Horizonte: Crisálida, 2016.

MUYLAERT JUNIOR, L. **Álbum do município de Itaperuna de 1910**. Rio de Janeiro: Autografia, 2021.

NASCIMENTO, M. **A importância da posição geográfica na evolução urbana de Paraty/RJ**. 2004. 94 f. Dissertação [Mestrado em Geografia] – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

OLIVEIRA, F. J. G. Mudanças no espaço metropolitano: novas centralidades e dinâmicas espaciais na metrópole fluminense. In: SILVA, C. A., FREIRE, D. G., OLIVEIRA, F. J. G. [org.]. **Metrópole**: governo, sociedade e território. Rio de Janeiro: DP&A/Faperj, 2006. p. 79-97.

OLIVEIRA, F. J. G. **Reestruturação produtiva, território e poder no Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

OLIVEIRA, R. C. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PEREIRA JÚNIOR, A. R. **Itaperuna (RJ) no contexto regional no Noroeste Fluminense**: um movimento entre a centralidade e a descentralidade. Dissertação [Mestrado em Planejamento Regional e Gestão de Cidades] – Universidade Candido Mendes, Campos dos Goytacazes, 2015. Disponível em: <https://cidades.ucam-campos.br/wp-content/uploads/2016/05/Artur-Rodrigues-Pereira-Junior.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2025.

PREFEITURA DE ITAPERUNA. **Calor intenso**: Prefeitura de Itaperuna adota medidas preventivas nas escolas. Itaperuna, 20 fev. 2025. Facebook: [@prefeitura.itaperuna](https://www.facebook.com/prefeitura.itaperuna). Disponível em: <https://www.facebook.com/prefeitura.itaperuna/posts/%EF%B8%8F-calor-intenso-prefeitura-de-itaperuna-adota-medidas-preventivas-nas-escolas-p/986856660299211/>. Acesso em: 18 maio 2025.

RIO DE JANEIRO [Estado]. **Lei nº 10.769, de 08 de maio de 2025**. Declara a câmara municipal de Itaperuna patrimônio histórico-cultural do estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Governo Estadual, 2025.

WALZBURIECH, D. Sensação térmica perto dos 50° e recordes de calor marcam a semana; veja onde. **Globo Rural**, Florianópolis, 21 jan. 2025. Disponível em: <https://globorural.globo.com/previsao-do-tempo/noticia/2025/01/cidades-do-sudeste-batem-recorde-de-calor-veja-qual-a-previsao.ghtml>. Acesso em: 18 maio 2025.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

COMO CITAR ESTE ARTIGO SEGUNDO AS NORMAS DA REVISTA

ABNT: FERNANDES, R. R.; MACHADO, F. S.; MELLO, W. S. Tensões e contradições no monumento da rotatória: análise crítica da centralidade regional de Itaperuna, RJ. *Vértices [Campos dos Goytacazes]*, v. 27, n. 2, e27223516, 2025. DOI: <https://doi.org/10.19180/1809-2667.v27n22025.23516>. Disponível em: <https://editoraessentia.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/23516>.

APA: Fernandes, R. R., Machado, F. S., & Mello, W. S. [2025]. Tensões e contradições no monumento da rotatória: análise crítica da centralidade regional de Itaperuna, RJ. *Vértices [Campos dos Goytacazes]*, 27(2), e27223516. Disponível em: <https://doi.org/10.19180/1809-2667.v27n22025.23516>

DADOS DO AUTOR E AFILIAÇÃO INSTITUCIONAL

Rogério Ribeiro Fernandes - Doutor em Sociologia Política pela UENF [2017]. Docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF) *Campus* Bom Jesus do Itabapoana/RJ – Brasil. E-mail: rribeiro@iff.edu.br.

Felipe da Silva Machado - Doutor em Geografia Humana pela University of Plymouth, Reino Unido. Professor EBTT no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF) *Campus* Itaperuna/RJ – Brasil. E-mail: felipe.machado@iff.edu.br.

Wallace da Silva Mello - Doutor em Sociologia Política [UENF]. Docente efetivo de História do Ensino Básico Técnico e Tecnológico do Instituto Federal Fluminense *Campus* Quissamã/RJ – Brasil. E-mail: wallace_sm89@hotmail.com.

FINANCIAMENTO

Os autores declararam não ter havido financiamento externo para a pesquisa que originou este artigo.

APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA NA PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Os autores declararam não haver conflito de interesses.

DISPONIBILIDADE DOS DADOS

Não se aplica.

DECLARAÇÃO DE USO DE IA

Os autores declararam não ter havido uso de ferramentas de inteligência artificial generativa na pesquisa e na escrita do artigo.

DECLARAÇÃO DE DIREITO AUTURAL

Este documento é protegido por Copyright © 2025 pelos Autores.

LICENÇA DE USO

Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](#). Os usuários têm permissão para copiar e redistribuir os trabalhos por qualquer meio ou formato, e também para, tendo como base o seu conteúdo, reutilizar, transformar ou criar, com propósitos legais, até comerciais, desde que citada a fonte.

RESPONSABILIDADE PELA PUBLICAÇÃO

Essentia Editora, coordenação subordinada à PROPPIE do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da Essentia Editora.

NOTA

Este artigo faz parte do Dossiê Temático “Sociedade-Natureza, Economia, Política e Cultura no Noroeste Fluminense e regiões circunvizinhas” selecionado no Edital n. 77/2024 para publicação na *Vértices*.